

EDITORIAL

PENSAR “HERETICAMENTE” A MOBILIDADE HUMANA NA CONTEMPORANEIDADE

Think “heretically” human mobility in contemporary times

*Roberto Marinucci**

A capacidade de pensar criticamente, de compreender a complexidade “das relações e das inter-retroações entre cada fenômeno e seu contexto” (Morin, 2006, p. 25), bem como a capacidade de transcender os localismos e as “tocas culturais” (Augé, 2010b, p. 91) são elementos essenciais para a saúde de qualquer democracia. O pensamento crítico, ou herético, questiona argumentativamente os dogmas hegemônicos difundidos nas sociedades, introduzindo “dissonâncias cognitivas” (Berger, Zijderveld, 2011, p. 34) que erodem o pensamento único e desnaturalizam crenças essencializadas.

Os estudos sobre a mobilidade migratória não fogem desses desafios. Epistemologias construídas e sustentadas a partir de interesses específicos e particulares – o “pensamento de Estado”, o “nacionalismo metodológico”, o “eurocentrismo colonial” – acabam por impor e difundir como sendo evidentes, objetivos e neutros, enfoques teóricos, perspectivas analíticas, nomenclaturas e taxonomias que condicionam, senão determinam, o olhar sobre o fenômeno. Desta maneira, na conjuntura contemporânea, o amplo e complexo universo da mobilidade e imobilidade humanas acaba sendo, frequentemente, enquadrado em abordagens analíticas que, não raramente, criminalizam tanto seus protagonistas quanto os que com eles se solidarizam (Penchaszadeh, Sferco, 2019).

Surge, diante disso, a necessidade da construção de epistemologias heréticas, alternativas, com vistas a desmascarar os conflitos e os interesses de poder envolvidos nas disputas sobre mobilidade humana; fortalecer a “mobilidade do espírito” (Augé, 2010b, p. 90) em relação ao espaço

* Editor-chefe da Revista REMHU, Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios (CSEM). Brasília - DF, Brasil. E-mail: remhu@csem.org.br. Orcid: 0000-0002-2042-2628.

(capacidade de sair da própria toca geo-cultural) e ao tempo (capacidade de olhar para a contemporaneidade, em diálogo constante com o passado e em vista à construção do futuro); considerar a complexidade das estruturas, que abrangem conexões dialéticas e multi-escalares entre fatores econômicos, políticos, culturais e demográficos; ressaltar a *agency* de migrantes e refugiados, não apenas em termos individuais, mas também coletivos.

Vale a pena atentar para este último aspecto: pensar os sujeitos da mobilidade como agentes ativos que, embora condicionados por inevitáveis contingências biográficas e estruturais, desenvolvem de forma resiliente táticas de enfrentamento da realidade adversa (Certeau, 2008), não apenas individualmente, mas também mediante mobilizações e organizações coletivas. Conhecer a realidade migratória a partir de seus atores, dar-lhes voz, imaginar-se empaticamente no lugar deles (Nussbaum, 2014), vê-los antes como sujeitos políticos de direitos que como vidas vitimadas e sofridas (Fassin, 2019) são elementos que podem gerar uma “contaminação cognitiva” (Berger, Zijderveld, 2011, p. 34), possibilitar o surgimento de enfoques teóricos e perspectivas analíticas alternativos que, sem dúvidas, podem auxiliar nos processos políticos de transformação da realidade social na ótica dos direitos dos indivíduos e dos povos.

Sobre essa temática verte o *Dossiê* da REMHU, *Revista interdisciplinar da Mobilidade Humana*, n. 57. Alguns dos artigos propõem novas chaves analíticas de leitura; outros reinterpretam enfoques clássicos; outros, ainda, se limitam a reafirmar e a pautar “obviedades” às vezes propositalmente encobertas ou esquecidas. Em todo caso, são apresentadas pistas para repensar “hereticamente” enfoques teóricos e perspectivas analíticas, focando uma contemporaneidade “historicizada”, interpretada como produto de processos históricos e voltada para a construção do futuro (Augé, 2010a, p. 88).

Noel Salazar, no primeiro artigo do *Dossiê*, analisa os desafios teóricos e metodológicos dos estudos contemporâneos sobre os movimentos migratórios, enfatizando, especificamente, a “mobilidade” enquanto categoria analítica. O autor apresenta criticamente algumas das principais contribuições teóricas sobre a temática, evidenciando avanços, limites e desafios. Paradoxalmente, segundo Salazar, a questão migratória, que pressupõe mobilidade, é com frequência abordada de forma estática – antes e depois do deslocamento –, focalizando sujeitos marcados pela “imobilidade” (física ou simbólica): confinados, por exemplo, em campos de refugiados, prisões ou áreas de fronteiras. Faz-se necessário, nesta perspectiva, que os estudos sobre mobilidade migratória considerem também os regimes, as estruturas e os dispositivos que, de fato, impedem ou dificultam a livre circulação das pessoas.

Gennaro Avallone desenvolve uma crítica metodológica e epistemológica das formas predominantes de interpretar as migrações contemporâneas, visando “desnaturalizar las visiones hegemónicas basadas en el pensamiento de Estado y la colonialidad” que contribuem “a reproducir, al nivel de la organización del pensamiento y del lenguaje, la subordinación de las personas migrantes en las sociedades de inmigración, especialmente cuando ellas son herederas de la subalternidad colonial”. Citando Sayad, o autor questiona aquelas categorias administrativas “Estado-étnico-céntricas” que, de fato, condicionam profundamente a representação e a inteligência da mobilidade humana, tendo uma forte influência, inclusive, nas ciências sociais.

Lourdes Basualdo, Eduardo Domenech e Evangelina Pérez, por sua vez, analisam criticamente as cartografias hegemônicas das migrações e das fronteiras, propondo, em contraposição, novas formas de mapeamento do território, um “contramapeo” coletivo, “desde abajo” e sensível às lutas e às mobilizações de migrantes, refugiados e outros grupos vulnerabilizados. Os autores visam recuperar “los conflictos, las divisiones y las disputas de poder que las fronteras contienen, desde la perspectiva de quienes protagonizan los movimientos y los cruces”. Em outros termos, uma “cartografía herética” desafia e questiona a positividade e a neutralidade das representações cartográficas hegemônicas e, de forma mais ampla, da produção de conhecimento sobre a mobilidade humana.

O questionamento das “metáforas hidráulicas” utilizadas nos estudos migratórios é o ponto de partida da reflexão de Gustavo Dias, que busca complexificar a compreensão dos deslocamentos humanos a partir de categorias como “mobilidade migratória”, “fronteiras inteligentes” e “espaço social”. “Fluxos”, “ondas”, “tsunamis” e outros termos análogos tendem, por um lado, a destacar os aspectos “ameaçadores” das migrações e, por outro, a enfatizar seu determinismo em termos de rotas. O autor atenta para a mobilidade como “prática social”, realçando o protagonismo das pessoas migrantes e suas táticas de mobilidade migratória, sobretudo nos espaços de fronteira – físicas e simbólicas. As táticas, sustenta o autor, trazem “a ideia de autonomia, capacidade de negociação e superação por parte de migrantes, que passam a ser compreendidos enquanto atores” que interferem nos processos de mobilidade migratória.

As interações e as tensões entre estrutura e agency são focadas no artigo de Marta Carballo de la Riva, Enara Echart Muñoz e María del Carmen Villarreal Villamar, que desenvolvem uma revisão da literatura sobre o enfoque de sistemas migratórios, com o objetivo de apresentar uma ferramenta teórica para analisar a conjuntura migratória da América Latina e Caribe. Entre outros aspectos, as autoras destacam a necessidade de levar em conta a estrutura (economia, meio ambiente), os fatores intermediários (instituições, políticas migratórias,

redes) e a agência dos migrantes, sendo esta interpretada não apenas numa ótica individual, mas também coletiva – a partir dos movimentos populares de protesto e reivindicação, como as caravanas na América Central. As pessoas migrantes – inferem as autoras – deixam *“de ser solamente una consecuencia de los desequilibrios estructurales para convertirse en sujetos políticos capaces de organizarse y articular demandas concretas que cuestionan las estrategias tradicionales de control, gestión e interpretación del fenómeno migratorio, así como nociones clásicas sobre Estados, fronteras o ciudadanía”*.

Alejandro Canales propõe uma análise da questão migratória enquanto elemento central para a sustentabilidade dos processos de “reprodução” demográfica, social e econômica das sociedades avançadas no contexto contemporâneo. Os deslocamentos humanos, de fato, permitem compensar os déficits de população e de força de trabalho, além de sustentarem um mercado de trabalho rigidamente estratificado e racializado. Isso, no entanto, gera um “mal-estar” entre as populações autóctones, pois, apesar de necessárias, essas compensações demográficas acabam alterando étnica e culturalmente o perfil dos países. Ou seja, a reprodução social e econômica *“requiere de amplios contingentes de fuerza de trabajo para su explotación y extracción de valor (trabajo) y su capitalización. Pero por otro lado, esta fuerza de trabajo no existe en abstracto, sino que bajo la forma de personas, de inmigrantes de carne y hueso, con derechos sociales, humanos, económicos y laborales”*. O que fazer com esses migrantes que teimam em ser reconhecidos como “seres humanos”?

A questão demográfica é focada especificamente por Marden Barbosa de Campos, que apresenta um arcabouço conceitual para aprimorar a compreensão das dinâmicas migratórias contemporâneas a partir de uma abordagem multi-escalar que relaciona as migrações às transições por que passam indivíduos, famílias e populações. Essa proposta teórica busca superar a fragmentação disciplinar nos estudos migratórios e integrar processos que ocorrem em diversos níveis escalares – a saber, *“a seletividade etária da migração, as alterações na configuração domiciliar e as mudanças no padrão migratório da população”*. Em outros termos, as migrações devem ser inseridas e analisadas num contexto demográfico dinâmico e em constante transformação, que altera a propensão migratória das pessoas envolvidas.

João Peixoto se debruça sobre a migração contemporânea a partir das categorias de hipermobilidade ou supermobilidade. Revisitando as principais teorias migratórias e apresentando as tendências atuais tanto da mobilidade internacional quanto da conjuntura econômica, política e demográfica, o autor procura *“entrevier o que pode suceder no futuro face às mudanças globais”*, em termos de continuidade e aprofundamento dos rumos atuais das dinâmicas migratórias, ou, pelo contrário, em termo de retração ou contenção. Na opinião do autor, a constante tensão entre fatores estruturais e agência

individual dificulta a tarefa de desenhar cenários previsíveis das dinâmicas migratórias vindouras, ainda que haja sinais de continuidade ou fortalecimento dos movimentos migratórios mundiais.

A compreensão da mobilidade migratória tem também implicações éticas. *Juan Carlos Velasco* oferece pistas para repensar o entendimento das noções de “fronteira” e “muro”, frequentemente utilizadas como sinônimos, mas que, na realidade, possuem significados distintos: a primeira, diferentemente do muro, visa regulamentar os trânsitos, os intercâmbios, não sendo, portanto, um dispositivo obstrutivo. A noção de “fronteiras abertas” (*open borders*) é proposta pelo autor para superar a visão um pouco quimérica de um mundo “sem fronteira” (*borderless world*) e, por outro lado, para estabelecer um regime migratório solidário que respeite os valores básicos das sociedades democráticas. Para isso, é fundamental também desnaturalizar a retórica hegemônica da necessidade de muros e barreiras, evidenciando seu caráter substancialmente ineficaz, oneroso e violento.

Na seção *Artigos*, *Renato Zerbini* apresenta as principais características do regime de proteção aos migrantes, refugiados e solicitantes de refúgio que emerge do Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais das Nações Unidas. Em um contexto internacional marcado pelos crescentes ataques às lógicas e às práticas do multilateralismo, uma análise sobre esse regime se torna relevante e até necessária.

O teólogo e cientista da religião *Jung Mo Sung*, interpelado pelo aumento da criminalização de pessoas migrantes e, inclusive, daqueles que se solidarizam com elas, reflete sobre o fenômeno migratório contemporâneo a partir das categorias de “idolatria” e “sacrifício”. O autor busca identificar elementos que permitam compreender a racionalidade que legitima a inferiorização e “desumanização” dos “migrantes-inimigos” e dos “solidários-traidores”.

Por fim, *Edmar Aparecido de Barra e Lopes* se debruça sobre o processo de reconstrução de laços entre passado, presente e futuro por parte de migrantes internos em uma ocupação no Estado de Goiás, no centro-oeste do Brasil. As narrativas analisadas revelam a intersecção diacrônica e sincrônica dos tempos da festa e do trabalho, da família e da religião, numa busca resiliente de respostas aos desafios da integração e da reinterpretação das jornadas.

Na seção *Relatos e Reflexões*, *Avelino Chico* reflete sobre a ação da Conferência Episcopal de Angola, no que diz respeito a migrantes, refugiados e solicitantes de refúgio. O autor destaca a evolução histórica, detalha as principais características da ação sociopastoral e conclui propondo algumas ações frente aos desafios da conjuntura atual.

A resenha de *Roberto Marinucci*, sobre o livro *Conversioni: verso un nuovo modo di credere? Europa, pluralismo, Islam* de Stefano Allievi encerra o número da revista.

Desejamos a todas e todos uma boa leitura.

Referências bibliográficas

AUGÉ, Marc. *Che fine ha fatto il futuro?* Milano: Elèuthera, 2010a.

AUGÉ, Marc. *Per una antropologia della mobilità*. Milano: Jaka Book, 2010b.

BERGER, Peter; ZIJDERVELD, Anton. *Elogio del dubbio*. Milano: Il Mulino, 2011.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

FASSIN, Didier. *Vite ineguali*. Quanto vale un essere umano. Milano: Feltrinelli, 2019.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NUSSBAUM, Martha. *Non per profitto*. Perché le democrazie hanno bisogno degli studi umanistici. Milano: Il Mulino, 2014.

PENCHASZADEH, Ana Paula; SFERCO, Senda Inés. Solidaridad y Fraternidad. Una nueva clave ético-política para las migraciones. *REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, v. 27, n. 55, p. 149-164, 2019.